

## A PRESENÇA DA LÍNGUA INGLESA EM NOSSO COTIDIANO E O USO DO ESTRANGEIRISMO (ANGLICISMO) COMO ESTRATÉGIA PARA APRENDIZADO DE NOVOS VOCABULÁRIOS PARA ESTUDANTES DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

The presence of the English language in our daily lives and the use of foreignism (Anglicism) as a strategy for learning new vocabularies for students in the sixth year of elementary school

Célia Regina GALLO (Faculdade Cultura Inglesa, São Paulo/SP, Brasil)

**RESUMO:** A elaboração deste artigo está alicerçada pela necessidade em auxiliar estudantes iniciantes no aprendizado da Língua Inglesa. A partir da observação da presença da língua Inglesa no cotidiano brasileiro e do uso de anglicismos visa-se promover o aumento do repertório lexical dos participantes desta pesquisa. Para tanto, os discentes têm a tarefa de aguçarem seus olhares para tudo que percebem escrito, falado ou lido ao seu entorno em inglês e transformar em conteúdo para as atividades em sala de aula. O método de pesquisa qualitativo dá suporte a esse trabalho. A pesquisa-ação estabelece uma relação dialógica entre a pesquisadora e os pesquisados, além de resultar na percepção de que estratégias simples podem ser eficazes e fomentar reflexões sobre as mudanças que ocorrem na língua, colaborar com o aprendizado autônomo e o compartilhamento de saberes. Portanto, constata-se que o educando quando incentivado a realizar tarefas que se relacionam com seu universo e que diferem das solicitações habituais, tornam-se mais participativos e em sua maioria adquirem novos conhecimentos e apresentam resultados satisfatórios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Inglesa; Anglicismo; Educando; Vocabulário

**ABSTRACT:** This article is based on the need to assist students in learning English. Based on the presence of the English Language in Brazilian daily life and the use of Anglicisms, the aim is to promote an increase in the lexical repertoire of the participants of this research. Hence, students had the task of sharpening their eyes to everything they perceived written, spoken, or read in their surroundings in English and transform it into content for activities in the classroom. The qualitative research method supports this work. Research-action establishes a dialogical relationship between the researcher and the respondents, in addition to resulting in the perception that simple strategies can be effective and foster reflections on the changes that occur in the language, collaborate with autonomous learning, and the sharing of knowledge. Therefore, it appears that when students are encouraged to perform tasks related to their universe and different from the usual requests, they tend to become more participatory and acquire new knowledge and consequently presenting more satisfactory results.

**KEYWORDS:** English language; Anglicism; Students; Vocabulary

## INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Inglesa nas escolas da Rede Pública vem passando por mudanças importantes, tanto no que se refere ao uso de novas metodologias, quanto na formação do professor, que precisa conduzir sua prática em sala de aula de uma forma que desenvolva habilidades e competências em seu aluno.

Portanto, para que esse estudante seja capaz de desenvolver autonomia e novas formas de aprender faz-se necessária a utilização de novas ferramentas facilitadoras para que esse processo ocorra promovendo resultados satisfatórios.

E pensando assim, utilizou-se nesse trabalho uma estratégia simples: a pesquisa. Como sabiamente disse Freire (1996, p.29), “pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. É necessário salientar que essa pesquisa foi feita por alunos de um 6º ano (primeira série do Ensino Fundamental II) e aconteceu fora da sala de aula. Sendo assim, tratou-se de uma ação diferente da conhecida tradicionalmente, ou seja, não se deu consultando em livros, revistas ou Internet, mas principalmente pela observação do cotidiano e de tudo o que acontece em redor. O conteúdo foi trazido para a sala de aula por meio de fotos e embalagens.

O foco principal do trabalho é verificar a presença da Língua Inglesa em nosso cotidiano e o uso do Estrangeirismo (anglicismo) como estratégia para o aprendizado de novos vocabulários para estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental.

O ponto de partida ocorreu por meio da observação da língua inglesa no cotidiano brasileiro e também por esse fato estar se fortalecendo significativamente conforme podemos observar pelo uso crescente do estrangeirismo, mais precisamente no caso citado: **anglicismo**. Objetivou-se explorar esse acontecimento de maneira enriquecedora para a aprendizagem, ou seja, incentivando aquele aluno que está iniciando seus estudos do inglês a aprender novos vocabulários. Conforme Thornbury (2002), o aprendizado da língua inicia-se pela palavra e é o caminho para aprender tanto a primeira como as outras línguas. Pensando dessa forma, o intuito foi também despertar um olhar mais curioso desse discente, que tem apenas duas aulas semanais de Inglês, e não possui o hábito de aprender sem o auxílio de sua professora ou de seu professor.

Portanto, levando-se em consideração Holden (2009) quando afirma que o inglês faz parte de ambos os mundos: o real e o da sala de aula. O real não é perfeito tão pouco didático, porém é necessária a junção desses mundos. O que é aprendido em sala de aula precisa ser reconhecido, aplicado ou usado quando se está fora dela, por outro lado também é importante que seja aproveitado os inúmeros recursos que estão disponíveis atualmente e que podem ser boas ferramentas para favorecer e potencializar o aprendizado de um idioma.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Indubitavelmente, a língua inglesa está presente ostensivamente no cotidiano brasileiro, basta um breve olhar atento e logo será possível identificá-la: em vários produtos nas prateleiras dos supermercados, em páginas da Internet, em nomes de estabelecimentos, entre outros. Crystal (2003), assegura que não há registros de uma outra língua que tenha sido tão propagada como o Inglês. Sendo assim, percebe-se que esse fenômeno linguístico abrange diversos países e não somente o Brasil. Portanto, as informações comentadas neste trabalho são de âmbito internacional para se compreender o que ocorre no âmbito nacional, ou seja, no cotidiano brasileiro. Língua e poder constituem um binômio importante ao longo da história da civilização. Graddol (2000), explica que a Expansão colonial britânica e a ascensão dos Estados Unidos determinaram a disseminação da Língua Inglesa por muitas partes do mundo. O império britânico com sua vasta abrangência territorial, principalmente nos séculos XVIII, XIX e XX e posteriormente os Estados Unidos, após a segunda guerra mundial com sua influência econômica, tecnológica e cultural. Conclui-se que a partir desses acontecimentos o idioma passa a ter a posição de destaque que se mantém até a atualidade e o francês perde a importância de língua internacional.

Geralmente, nem mesmo as pessoas que dominam a língua inglesa possuem o hábito de observar como estamos rodeados pela mesma. Paiva (2012), comenta esse comportamento e diz que o inglês faz parte das atividades diárias do brasileiro em muitas ocasiões e é necessário despertar o desejo nos estudantes de conhecer o significado dessas palavras e expressões. Realmente é importante que as pessoas saibam o que está escrito em outro idioma, por exemplo, em uma camiseta que se está usando e carrega palavras desconhecidas e que podem causar situações constrangedoras. É necessário também que não se compre um produto somente pela marca famosa que ele possui e acredite que por esse motivo sua qualidade é melhor. Portanto, é imperativo que haja criticidade e informação para que os cidadãos brasileiros não se tornem consumidores manipulados pela indústria norte-americana. E que não super valorizem algo simplesmente pelo fato de ser de origem norte-americana.

A língua Inglesa abrange setores de grande relevância no contexto mundial. Graddol (2000, p.2), menciona que “o inglês é a principal língua de livros, jornais, aeroportos e controle de tráfego aéreo, negócios internacionais, conferências acadêmicas, tecnologia científica, diplomacia, esporte, competições internacionais, música pop e publicidade”. Deste modo, compreende-se que não há discordância quanto à hegemonia deste idioma. Entretanto, fatores econômicos, políticos e tecnológicos podem mudar essa realidade futuramente.

Talvez seja benéfico para todos que haja uma língua que possibilite que todas as nações possam se comunicar sem restrições. Cristal (2003), acredita que seria um recurso mundial de alto valor e que promoveria uma compreensão mútua. Sendo assim, seria compreensível que esse papel fosse desempenhado pela língua inglesa já que a mesma quase que ocupa essa função atualmente. No entanto, sabe-se de antemão que há países que serão contra um fato como esse vir a acontecer por envolver questões como por exemplo a perda da identidade cultural.

Por outro lado, apesar de todo o *status* que cerca a língua inglesa por toda sua importância no mundo ela não é imbatível, assim como o Latim também não foi. Graddol (2000), acredita que o futuro do Inglês é incerto e que mudanças econômicas, políticas e culturais podem afetar as condições linguísticas predominantes. Deste modo, pode-se considerar que o crescimento econômico de países asiáticos como por exemplo a China ameaça o poder econômico dos E.U.A e por conseguinte o idioma. Outro fator relevante é a grande população que compõe a Ásia e certamente esse fato traria vantagem se no futuro houvesse uma substituição de língua franca.

### 1.1 ESTRANGEIRISMO / ANGLICISMO UM ALIADO NO APRENDIZADO DA LÍNGUA

A língua portuguesa tem cada vez mais sido permeada por estrangeirismos e percebendo-se essa realidade surgiu a ideia de chamar a atenção de estudantes para esse fato e motivá-los a iniciar o aprendizado do inglês como um olhar atento a tudo que se refere ao assunto acima citado, pensando sobre diferentes aspectos que estão envolvidos neste novo conhecimento que eles irão adquirir. Inicialmente o trabalho foi feito apenas com estudantes do 6º ano de uma escola da Rede Pública. Para Garcez e Zilles (2001, p.15), estrangeirismo é “o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas”. Sendo assim, é exatamente o que ocorre no português, isto é, muitas palavras que são faladas, escritas e lidas no cotidiano brasileiro fazem parte da língua inglesa, neste caso, mais especificamente nomeia-se Anglicismo que consiste no uso de palavras de origem anglo-saxã.

É importante dizer que o uso do estrangeirismo gera polêmicas, algumas pessoas, principalmente os conservadores acreditam que o uso de palavras inglesas possa ameaçar a soberania da Língua Portuguesa. Luft (1985), não compartilha desse pensamento, e diz que a língua evolui constantemente e que estrangeirismos e outras mudanças na língua é que a mantém viva. Logo, é compreensível que esse fenômeno ocorra e que não haja necessidade de tentar controlá-lo.

O advento da globalização promove um aumento da proximidade entre as culturas e com isso os empréstimos de vocábulos aumentam e tornam-se cada vez mais comum. De acordo com Bagno (2000), não há motivos para se preocupar com os estrangeirismos afinal eles são apenas uma das consequências da globalização e são inofensivos. Vale lembrar que os termos estrangeiros facilitam a comunicação entre pessoas de outras nacionalidades em todos os setores, inclusive na tecnologia e na pesquisa científica. Em alguns casos os empréstimos se justificam por não haver um significado equivalente na outra língua.

É visível o quanto a sociedade brasileira é influenciada pela superpotência dos Estados Unidos e apesar do idioma pertencente a essa nação ser considerado língua estrangeira para os brasileiros, mesmo assim dita as regras no que diz respeito à cultura e comportamento. No passado a França também ocupou esse papel, mais precisamente no final do século XIX e início do século XX. Sendo assim, entende-se que a posição de

destaque que um povo ocupa em determinado momento histórico repercute no modo de vida de outros povos menos desenvolvidos causando-lhes uma dominação linguística e cultural. Crystal (2003, p.26, tradução nossa)<sup>1</sup> explica que:

Uma língua tem tradicionalmente se tornado uma língua internacional por uma razão principal: o poder de seu povo – especialmente seu poder político e militar. A explicação é a mesma ao longo da história. Por que os gregos se tornaram uma língua de comunicação internacional no Oriente Médio há mais de 2000 anos? Não por causa dos intelectos de Platão e Aristóteles: a resposta está nas espadas e lanças empunhadas pelos exércitos de Alexandre, o Grande.

No Brasil é muito comum nomear estabelecimentos com palavras escritas no idioma inglês ou misturar os dois idiomas exemplo: “Studio Fashion Hair”, “World View”, “Best Book”, “Love Story”, “Planet piscinas”, “Bebê Pink” etc. Essa predileção por nomes estrangeiros para muitos cidadãos brasileiros está associada a prestígio, glamour e ostentação.

Para Carvalho (1989, p.55), “o ouvinte ou receptor compara seu saber com o do emissor e está disposto a aceitar-lhes os modos linguísticos, se reconhece sua superioridade cultural e tem dúvidas acerca do próprio saber”. Desta maneira pode-se concluir que a relação entre poder e linguagem estão intrinsecamente ligadas e atualmente a hegemonia linguística pertence aos Estados Unidos devido a dominação norte-americana no mundo. Talvez daqui há alguns anos esse cenário seja diferente, principalmente se mudanças políticas e econômicas ocorrerem que desfavoreça a hegemonia norte-americana.

## 2.2 APRENDER VOCABULÁRIO PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Após os comentários sobre a presença da língua inglesa e o uso de anglicismos chega-se a parte deste trabalho que visa unir esses dois conceitos com a finalidade de promover aprendizado de novos vocábulos. De acordo com Thornbury (2002), todas as línguas são primeiramente constituídas por palavras e o aprendizado de palavras nunca termina.

Thornbury (IBID) afirma que estamos sempre aprendendo novos vocábulos e acrescentando novos significados para aqueles que já aprendemos. Sendo assim, percebe-se que é necessário adquirir o hábito de aumentar o conhecimento de repertório lexical para que seja possível comunicar-se com um desempenho cada vez melhor que possibilite um bom entendimento de todas as habilidades (ouvir, falar, escrever e ler).

---

<sup>1</sup> A language has traditionally become an international language for one chief reason: the power of its people – especially their political and military power. The explanation is the same throughout history. Why did Greek become a language of international communication in the Middle East over 2,000 years ago? Not because of the intellects of Plato and Aristotle: the answer lies in the swords and spears wielded by the armies of Alexander the Great.

Na Rede Pública Estadual de ensino os estudantes iniciam seu efetivo contato com a língua inglesa apenas no 6º ano do Ensino Fundamental II, essa realidade propicia um grande desafio, tanto para o professor, quanto para os alunos no que se refere a aquisição de vocabulário, porque em nada adianta essa criança aprender gramática e não ter incentivo para ampliar simultaneamente seu conhecimento lexical.

Wilkins (1972) explica que sem a gramática tem-se dificuldade para se transmitir o que se pretende falar, mas sem vocabulário é impossível haver comunicação, isto é, sem vocabulário nada pode ser transmitido. Ele aconselha que para melhorar o aprendizado do inglês seja priorizado a aquisição de mais palavras e expressões ao invés de apenas a gramática. É comum acontecer situações em que uma pessoa consegue elaborar uma frase em inglês, com um tópico gramatical, em aulas com foco na oralidade, no entanto, faltando-lhe uma palavra a comunicação poderá ficar comprometida. Por exemplo, se alguém quer pedir água e diz: “I would like...”, e não conhece a palavra necessária para sua frase ser completada seu desejo de beber água poderá não ser atendido, mas se essa pessoa disser somente: “water,” “water” neste caso é possível que o entendimento da mensagem alcance seu objetivo, mesmo que não adequadamente. As crianças se comunicam dessa forma quando estão aprendendo a falar.

Levando-se em consideração que a disciplina de língua estrangeira na Rede pública tem apenas 2 aulas semanais e que essa carga horária é insuficiente para o professor dar conta de ensinar todo saber que envolve essa demanda; faz-se necessário como bem lembra Miccolli (2010) que o aluno seja conscientizado de que ele não deve depender de seu professor para aprender tudo.

Desta forma, reforça-se a importância de que desde cedo o aprendiz precisa compreender que o processo de seu aprendizado deve continuar para além da sala de aula, ou seja, ele não precisa que seu professor tenha pedido uma tarefa para que ele faça algo no sentido de adquirir mais conhecimento de um conteúdo visto na aula.

E para aquisição de vocabulário é muito relevante que se desenvolva esse hábito porque há inúmeras fontes para se aprender de forma independente. Eis algumas ideias: ouvindo músicas com a letra, fazendo um dicionário ilustrado, assistindo filmes sem legendas, acessando sites com atividades em inglês, etc.

Nesse sentido de ampliar conhecimentos é de grande valia que os discentes compartilhem entre si as informações novas que adquirem em sua busca individual, porque essa atitude colabora para que os que tem maior dificuldade seja auxiliado pelos multiplicadores.

Na próxima seção será informado como se desenvolveu o trabalho com os alunos desta pesquisa e quais foram os instrumentos de coleta de dados produzidos e aplicados.

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa deste trabalho foi realizada usando o método qualitativo. Creswell (2010, p.43) define a abordagem qualitativa como sendo “um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. Sendo assim, dentro do contexto escolar disponível procurou-se explorar o melhor possível as informações obtidas com o trabalho que foi desenvolvido com alunos do sexto ano B.

#### 3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A escola é uma escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio com apenas dois turnos: matutino e vespertino, situada em um bairro da Zona Leste, possui fácil acesso por ser bem localizada e próxima de pontos de ônibus. A pesquisa foi realizada com uma sala com 26 alunos de um 6º ano (dezenove meninas e sete meninos). Eles têm idade entre 11 e 12 anos, portanto não há alunos repetentes na sala ou fora da idade escolar para a série em questão. Pode-se classificar o perfil socioeconômico deles como sendo de classe média baixa, apesar de haver alguns alunos com um poder aquisitivo mais alto e outros mais baixo.

#### 3.2 INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Os principais instrumentos de coleta de dados usados foram: três questionários, dois fechados e um aberto, que foram respondidos em papel e recolhidos. O primeiro contendo dez perguntas (fechado), o segundo contendo sete perguntas (aberto) e o terceiro contendo sete perguntas (fechado), uma entrevista gravada no celular com uma aluna que gosta muito de inglês e faz curso em escola de idiomas e um aluno que não gosta de Inglês e não faz curso em escola de idiomas. Exceto a entrevista, todos os instrumentos de coleta utilizados foram aplicados para a sala toda. Lembrando que a sala é composta por vinte e seis alunos, o primeiro questionário foi respondido por vinte e um alunos, o segundo por vinte alunos e o terceiro por vinte e dois alunos.

#### 3.3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Após os estudantes responderem o primeiro questionário, eles iniciaram a primeira tarefa que consistia em fotografarem o que eles encontrassem escrito em inglês no seu dia a dia. A sala foi dividida em seis grupos com os nomes: “Package”, “Subway”, “Mall”, “Street”, “Macdonald’s” e “Others”, essa divisão foi feita para delimitar o trabalho deles e evitar que houvesse repetição em excesso de palavras, nomes, títulos ou frases. O grupo nomeado como “Package” teve a opção de colecionar embalagens. Vale ressaltar que essa ação se tornou uma interessante exposição posteriormente.

A partir dessa tarefa de pesquisa outros instrumentos de coletas foram gerados por meio de dinâmicas, apresentações dos grupos, um painel e três vídeos com depoimentos que possuem conteúdos para uma parte do segundo questionário. Além disso, aconteceram três conversas hermenêuticas que foram muito importantes para o desenvolvimento do trabalho; e possibilitou que a professora constataste algo muito significativo, que Gonçalves Filho (1998) explica quando diz que uma conversa hermenêutica pode nos revelar sentidos novos e que os mesmos podem ser desconhecidos e que em uma pesquisa isso somente ocorrerá se houver entre o pesquisador e o pesquisado uma relação de amizade.

Ao fazer uma análise inicial dos dados percebeu-se que a maioria dos alunos dessa sala não observava que o Inglês está presente em suas vidas de forma tão ostensiva. Por outro lado, uma das surpresas agradáveis, que a pesquisa proporcionou foi que a professora os conhecesse melhor, no sentido de saber com maiores detalhes o que eles pensam sobre o ensino/ aprendizado da língua. Outra descoberta foi a percepção de que tarefas com estratégias simples podem gerar uma nova postura dos aprendentes e possibilitar que eles iniciem um processo de protagonismo e autonomia ao desempenharem os seus papéis de estudantes ativos.

#### 4. ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa foi iniciada com um questionário (ANEXO I) elaborado com a finalidade de verificar as percepções dos estudantes sobre a língua inglesa.

Questionário 1 respondido por 21 alunos.

**Tabela 1.**

1-Você já sabia alguma(s) palavra(s) ou frase(s) em Inglês, antes de começar a estudar a língua?	Porcentagem
sim	71,4%
não	28,6%

**Tabela 2.**

2- Seus pais, familiares ou responsáveis já conversaram com você sobre a importância de aprender a Língua Inglesa?	Porcentagem
sim	38,8%
não	61,9%

**Tabela 3.**

3- Você gostou da sua primeira aula de Inglês?	Porcentagem
sim	66,6%
não	33,3%



**Tabela 4.**

4- Você gosta da sua aula de Inglês e como a professora ensina?	Porcentagem
sim	61,9%
não	38,1%

**Tabela 5.**

5- Você gostaria que a sua professora mudasse algo nas aulas?	Porcentagem
sim	42,8%
não	57,1%

**Tabela 6.**

6- Você tem vergonha de participar de aulas em que seja necessário falar, cantar ou atuar?	Porcentagem
sim	66,6%
não	33,3%

**Tabela 7.**

7- Você já observou que o Inglês está presente em sua rotina?	Porcentagem
sim	52,3%
não	47,6%

**Tabela 8.**

8- Você conhece uma ou mais pessoa que tenha uma boa profissão porque aprendeu Inglês?	Porcentagem
sim	23,8%
não	76,1%

**Tabela 9.**

9- Você tenta praticar o Inglês fora da sala de aula? (sem que seja alguma atividade que tenha sido pedida pela professora.)	Porcentagem
sim	19,1%
não	80,9%

**Tabela 10.**

10- Você sente que <b>faz e compreende</b> com <b>facilidade</b> , as atividades que são propostas na aula de Inglês?	Porcentagem
sim	71,4%
não	28,5%

Após a leitura das respostas do questionário a professora pode obter um prévio conhecimento da relação existente entre os aprendizes e a disciplina. Muitos deles já

têm noção de quando estão diante de um vocabulário em língua estrangeira e até sabem a tradução, porém esse fato não significa que essas palavras já façam parte de seu universo lexical. Schmitt (2000) esclarece que a aquisição é um processo que acontece aos poucos e pode ser facilitada pelo número de vezes em que há exposição ao vocabulário. Desta forma, procurou-se durante as aulas que houvessem oportunidades de encontros repetidos em diferentes empregos de um mesmo vocábulo.

Como citado na seção Metodologia a sala foi dividida em 6 grupos: cada um recebeu a tarefa de pesquisar palavras escritas ou frases em Inglês, sendo que para cada grupo foi estipulado um setor específico que deu nome aos mesmos: grupo1 “Package”, grupo2 “Subway”, grupo3 “Mall”, grupo 4 “Street”, grupo 5 “Mac”, grupo 6 “Others”.

É importante dizer que a pesquisa desenvolvida pelos estudantes foi feita a partir de conteúdo autêntico que eles coletaram observando o contexto em que estão inseridos. Essa ação faz parte da proposta do Currículo do Estado de São Paulo (2010, p.108), o qual sugere que:

Os temas escolhidos para 5<sup>a</sup>série/6<sup>o</sup> ano (primeiros contatos às línguas estrangeiras em nosso entorno, descrição da escola, diferentes moradias) inauguram um movimento que se fará presente em todas as séries: o diálogo entre língua e cultura, entre o conhecimento local e o conhecimento global, entre a realidade do entorno imediato dos alunos e outras realidades, possivelmente mais distantes, mas não menos instigantes. Figuram, na 5<sup>a</sup>série/6<sup>o</sup> ano, assuntos mais gerais, como as convenções no modo de se cumprimentar em diferentes culturas e a presença de línguas estrangeiras em nossa língua materna, e outros assuntos mais específicos.

A turma colecionou embalagens e fotos feitas do metrô, lojas, ruas entre outros. Alguns trouxeram as fotos impressas e coloridas em tamanho de folha sulfite A4 (como foi solicitado pela professora), porém não foi possível que todos fizessem isso por falta de recursos.

Nesta fase a professora planejou uma sequência de aulas nas quais os estudantes puderam compartilhar o conteúdo coletado. Segundo Paiva (2012), o professor que incentiva seus aprendizes a dividir suas descobertas obtidas fora da sala de aula está contribuindo para que ocorra a aprendizagem autônoma.

Nas atividades desenvolvidas em sala, (dinâmica, apresentação, relato) eles puderam ter conhecimento da pronúncia, tradução e a escrita do vocabulário que conseguiram com sua busca diária. As fotos e embalagens desempenharam um papel importante para a assimilação do léxico. Paiva (2012, p.78) fala que “as gravuras são importantes auxiliares para a aprendizagem de vocabulário. O recurso visual constitui boa estratégia de memória, pois associa um conceito a uma forma icônica”.

Após a etapa acima foi aplicado outro questionário para a professora obter uma visão panorâmica de como os alunos estavam correspondendo ao estudo até o presente momento. Os nomes abaixo são fictícios.

Questionário 2 respondido por 20 alunos: Vicente, Bárbara, Débora e Gustavo: disseram que conheciam algumas palavras e que habitualmente passavam por esses lugares e que sempre ouvem que o inglês é a língua da globalização.

Maria, Pietra, Monique e Adão comentaram que conheciam algumas palavras, que sabem distinguir quando é Português e quando é Inglês. Eles acham que as pessoas colocam nomes escritos em Inglês nos estabelecimentos porque assim conseguirão vender mais seus produtos.

Lorena, Lívia e Lara acreditam que a língua Inglesa é muito falada no mundo porque é fácil de aprendê-la. E concordam que em aeroporto, metrô e Shopping precisa estar escrito em inglês porque esses lugares são frequentados por pessoas que vem de outros países.

Heloísa, Clarisse e Yasmin não têm opinião formada sobre porque é muito comum haver palavras em Inglês, e não em outras línguas em nosso dia a dia. Elas disseram que muitas pessoas acham bonito colocar nomes em Inglês em lojas. Elas gostam de traduzir quando observam que não está escrito em Português.

Cláudia, Jéssica e Beatriz disseram que conheciam muitas palavras e que já observavam nas ruas e Shoppings. Elas nunca foram ao aeroporto, mas sabem que há palavras escritas em inglês. Elas também acham que é porque o Inglês é a língua mais fácil de aprender. E disseram que é a língua universal.

Letícia, Jane e Alice acham que o Inglês é a língua que está na moda e por isso, em todos lugares ele está presente. Elas disseram também que se usa o inglês em metrô, shopping e aeroporto porque ele é muito popular e pelo menos um pouco todo mundo sabe falar.

Ao analisar os comentários acima percebe-se que apesar dos alunos não possuírem uma consciência crítica aguçada eles estão cientes da importância da língua inglesa no contexto brasileiro e mundial. Para Holden (2009), os estudantes notam que o inglês coexiste com o português e que certamente precisarão usá-lo no futuro.

Aqui acontece um outro momento no qual a professora se reuniu novamente com os grupos para que eles pudessem fazer comentários sobre o andamento do trabalho, suas descobertas e também explicar-lhes a segunda fase da pesquisa que consistiu na produção de um grande painel com as fotos do vocabulário em inglês que eles descobriram durante os dias que efetuaram a pesquisa. O grupo “Package” colecionou muitas embalagens de produtos e o leque de objetos se expandiu para canecas com frases em inglês, agendas entre outros, por isso surgiu a ideia de fazer além do painel uma exposição.

Segundo Holden (2009), os adolescentes se sentem motivados e gostam quando os professores passam tarefas nas quais eles são os responsáveis pelo seu aprendizado, desde que não seja nada muito trabalhoso. Desta forma, explica-se o porquê da segunda

etapa da pesquisa ter sido considerada satisfatória e a maioria da sala ter se mobilizado para construir um painel.

Para Schmitt (2000), não existe uma forma ideal de se ensinar vocabulário muitos fatores influenciarão na escolha do professor de como ele irá pensar em estratégias para facilitar esses aprendizados. Sendo assim, por se tratar de um sexto ano que conhece pouco do repertório lexical da língua inglesa, nesse estudo, foi dado enfoque a ampliação do conhecimento de palavras, porém houve um número significativo de frases coletadas que não passaram despercebidas e que desempenharam um papel relevante, pois trouxeram informações relacionadas ao conteúdo estudado no bimestre. Exemplos: “Take tea every day”, “This is really good”.

Descreve-se aqui o fechamento do projeto. A professora aplicou o último questionário (ANEXO II e III) para verificar os resultados obtidos com o estudo desenvolvido. O questionário é composto por duas partes a primeira refere-se a trabalho e a segunda a vídeos que três pessoas (Natascha, Lilian e Eleonora), gentilmente, cederam com depoimentos aos estudantes de como foi o processo de aprendizado da língua inglesa em suas vidas. Elas relataram suas ações para melhorarem seus conhecimentos, suas oportunidades de viagens e empregos, além do desenvolvimento pessoal e profissional que obtiveram por meio da aquisição do inglês como segunda língua.

Questionário 3 respondido por 22 alunos.

**Tabela 11.** Parte 1 – após o projeto

1- Após você ter feito a pesquisa da Língua Inglesa em nosso cotidiano, você acha que é importante ter conhecimento desse idioma?	Porcentagem
sim	100%
não	0%

**Tabela 12.**

2- Você tinha conhecimento que há muito material na Internet que facilita o aprendizado do Inglês? Ex: (aplicativos, dicionários, sites com exercícios)	Porcentagem
sim	77,2%
não	22,7

**Tabela 13.**

3-Você acha que o uso desses materiais acima citados, possibilitam que você aprenda de uma forma mais independente?	Porcentagem
sim	90,9%
não	9,0%

**Tabela 14.**

4- Você acha que a aula ficou mais interessante e divertida quando você passou a pesquisar algo sobre a disciplina?	Porcentagem
sim	77,2%
não	22,7

**Tabela 15.** Parte 2: Sobre o vídeo

5- Depois que você assistiu aos vídeos você acredita que o inglês possa ser útil para sua vida profissional, assim como foi para a Lilian, a Natascha e a Eleonora?	Porcentagem
sim	95,4%
não	4,5%

**Tabela 16.**

6- A Eleonora aprendeu Inglês de uma forma divertida, por meio de músicas, você se interessou em melhorar seu Inglês assistindo séries, em jogos de vídeo games, pesquisando vocabulários novos?	Porcentagem
sim	81,8%
não	18,1%

**Tabela 17.**

7- As experiências de Eleonora, Natascha e Lilian inspiram ou motivam você a se dedicar ao estudo da Língua Inglesa?	Porcentagem
sim	90,9%
não	9,0%

Ao fazer uma última análise das respostas do último questionário constata-se que os aprendizes tiveram um bom aproveitamento ao que foi proposto: aprender novos vocabulários sem depender do professor, desenvolver autonomia, buscar outras fontes para aprender o idioma e perceber a presença da língua em nosso dia a dia.

Holden (2009 p.18) diz que “Desenvolver uma consciência do quanto o inglês agora existe nas ruas, em nomes de lojas ou até no português falado no dia a dia, faz o idioma estrangeiro parecer mais próximo da realidade do aluno”. É necessário que o professor chame a atenção de seus estudantes para esses detalhes porque eles também envolvem o aprendizado da língua Inglesa.

Macowski (1993) desenvolveu um estudo sobre a construção do ensino-aprendizagem de L.E com adolescentes. Ela faz uma observação relevante para o processo de ensino aprendizagem de adolescentes com relação aos alunos adultos, ambos muitas vezes são ensinados da mesma forma.

No entanto, percebe-se que ensinar os adolescentes requer um olhar mais cuidadoso devido serem alunos mais inexperientes e que precisam de um direcionamento em seus estudos. Desde cedo eles precisam ser incentivados a ter atitudes autônomas com relação ao seu aprendizado e as estratégias e ferramentas que

podem ser utilizadas , como por exemplo: usar a Internet para fins escolares, assistir filmes e séries prestando atenção no vocabulário, ouvir músicas, pesquisar palavras em um texto, entre outros.

Paiva (2012, p.43) diz que “é importante que os aprendizes se livrem da crença de que só é possível aprender com o professor”. O estudante pode e deve ir além do que lhe é apresentado em sala de aula.

Para finalizar essa seção, seguem dois excertos de uma entrevista feita com o aluno Gustavo (nome fictício) e aluna Heloísa (nome fictício). Eles foram escolhidos por representarem perfis diferentes, porém a educadora percebeu que ambos foram impactados positivamente pela pesquisa.

#### Excerto 1

Gustavo: “Eu gosto mais ou menos da língua”, “ às vezes tenho vontade de fazer curso,” “não sei o que eu gostaria de mudar nas aulas” ,“eu acho que dá pra aprender inglês na escola pública”, “ aprendo com jogos”, “a pesquisa me ajudou bastante e agora sei frases do metrô”, “ se o professor der aulas com tarefas para fazer fora da sala ajuda vou a aprender mais”.

A fala de Gustavo é de um aluno que tem dúvidas sobre seu aprendizado e parece pouco motivado em aprender a língua, e no desenrolar da entrevista ele faz comentários que demonstram a importância do professor promover ações nas quais os alunos sejam protagonistas do seu saber, ou seja, realizem tarefas sozinhos e também compartilhem suas experiências como no exemplo desse estudo.

#### Excerto 2

Heloísa: “Eu já cheguei a pesquisar títulos de séries por minha conta” , “eu aprendi novas palavras com a pesquisa e algumas eu já sabia”, “Eu acabei ajudando eles e aprendendo mais e me ajudou bastante nesse trabalho” acho que é mais prático você mesmo ir lá, você mesmo tomar a frente do seu conhecimento , não chegar alguém e querer te empurrar, você aprende melhor você querendo ir lá e não alguém te jogar pra aprender.”

A Fala de Heloísa já mostra um perfil de uma estudante com certa autonomia, que possui curiosidade em aprender por outras fontes sem depender apenas do que é disponibilizado em sala de aula. Ela também tem uma postura de líder que foi muito colaborativa durante as aulas porque ela auxiliou os colegas com dificuldade.

Assim pode-se concluir que Gustavo que se mostrava desmotivado pontuou à docente o que ele precisa para ser mais participativo nas aulas. E Heloísa teve oportunidade de mostrar seu potencial e dá indícios de que pode auxiliar seus colegas.

Na próxima sessão será feita as considerações finais dessa pesquisa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas escolas Estaduais da Rede Pública o aprendizado da Língua Inglesa somente inicia-se no sexto ano do Ensino Fundamental II o que coloca os aprendizes numa situação desfavorável se comparada a realidade de alunos da Rede Municipal e particular que iniciam seus estudos na disciplina desde o primeiro ano do Fundamental I. Além disso, a carga horária de aulas restringe-se a apenas duas aulas semanais.

Levando-se em consideração essa premissa buscou-se com esse trabalho incentivar os estudantes a aprender para além da sala de aula, por meio da observação da Língua Inglesa em nosso cotidiano, ou seja, fazê-los perceber que há um número significativo de palavras, frases e expressões que estão nas falas dos brasileiros, nas embalagens, nas ruas entre outros lugares e que pertencem a língua alvo. Portanto, o Anglicismo também fez parte dessa missão de auxiliar os estudantes a ampliar seu repertório lexical.

Evidenciou-se nesse estudo alguns aspectos relevantes bem como muitas vezes o aprendiz precisa que o professor o conduza em direção a sua autonomia e a porta para tal se abre a partir dos portões da escola, ou seja, é um movimento contrário. O adolescente assiste séries, come no *McDonald's* assiste o novo filme em cartaz, compra na sua loja favorita, ouve músicas e nem se dá conta que esse inglês que faz parte do seu dia a dia pode ser levado para sua escola, pode ser compartilhado com seus colegas e auxiliá-lo no aperfeiçoamento da aquisição da língua. Nesse sentido, foi por meio de uma proposta de tarefas simples que essa pesquisa alcançou seu objetivo, é claro que parcialmente, porém foi satisfatório para o contexto vivenciado.

Vale ressaltar que a presença da língua inglesa promove inúmeras discussões que o presente estudo não deu conta de explorar, o Anglicismo, por exemplo é um tema abrangente que pode ser aprofundado em estudos futuros dentro de campos específicos (publicidade, tecnologia, jornalismo).

Finalmente, constata-se que a língua está em constante transformação para que a comunicação aconteça da melhor forma possível e atenda as todos Faraco(2001).Na presente data em que se encerra esse artigo estamos convivendo com novos anglicismos “lockdown”, “home office”, “live”, “stay home”, porém daqui um tempo elas poderão cair em desuso como foi o caso de “office boy”, ou entrar para a língua portuguesa como tantas já entraram. Isso só o tempo irá dizer.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, M.C. Fênix e outros mitos. In: Faraco, C.A(org.) *Estrangeirismos: Guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola,2004
- CARVALHO, N. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática,1989.
- CRESWELL, J.W.W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed Porto Alegre: Bookman, 2010.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. United Kingdom: CUP, 2003.
- CURRICULO do Estado de São Paulo. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. São Paulo: SEE, 2010.
- FARACO, C.A. *Estrangeirismos – Guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.
- GARCEZ, P.M; ZILLES, A.M.S. Estrangeirismos desejos e ameaças. In: FARACO, C.A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2001.
- GONÇALVES FILHO, J.M. *Humilhação Social – Um problema político em Psicologia*. Revista Psicologia. USP, 1998. p.11-67.
- GRADDOL, David. *The future of English?* UK: The British Council, 2000.
- HOLDEN, Susan. *O ensino da Língua Inglesa nos dias atuais*. São Paulo: SBS, 2009.
- LUFT, C. P. *Língua e liberdade: o gigolô das palavras*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- MACOWSKI, E. A. B. *A construção do Ensino/Aprendizagem de Língua Estrangeira com adolescentes*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- MICCOLI, L. *Ensino e aprendizado de inglês: experiências, desafios e possibilidades*. Campinas: Pontes, 2010.
- SCHIMITT, Norbert. *Vocabulary in Language teaching*. New York, 2000.



PAIVA, V.L.M. *Ensino da Língua Inglesa no Ensino Médio: teoria e prática*. São Paulo: Edições SM, 2012.

ROCHA, Claudia Hilsdorf; BASSO, Edcleia Aparecida (org). *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

THORNBURY, Scott. *How to teach vocabulary*. England: Pearson, 2002.

WILKINS, D.A. *Linguistics and language teaching*. London: Edward Arnold, 1972.

## ANEXO I

### Questionário 1

1-Você já sabia alguma(s) palavra(s) ou frase(s) em Inglês, antes de começar a estudar a língua?

( ) Sim ( ) Não

2- Seus pais, familiares ou responsáveis já conversaram com você sobre a importância de aprender a Língua Inglesa?

( ) Sim ( ) Não

3- Você gostou da sua primeira aula de Inglês?

( ) Sim ( ) Não

4- Você gosta da sua aula de Inglês e como a professora ensina?

( ) Sim ( ) Não

5- Você gostaria que a sua professora mudasse algo nas aulas?

( ) Sim ( ) Não

6-Você tem vergonha de participar de aulas em que seja necessário falar, cantar ou atuar?

( ) Sim ( ) Não

7-Você já observou que o Inglês está presente em sua rotina?

( ) Sim ( ) Não

8- Você conhece uma ou mais pessoa que tenha um bom trabalho porque aprendeu Inglês?

( ) Sim ( ) Não

9 -Você tenta praticar o Inglês fora da sala de aula? (sem que seja alguma atividade que tenha sido pedida pela professora)

( ) Sim ( ) Não

10-Você sente que **faz e compreende** com **facilidade**, as atividades que são propostas na aula de Inglês?

( ) Sim ( ) Não

## ANEXO II

### Questionário 2

1-Você já conhecia essas palavras? Quais?

2-Você já passou por lugares como esses onde foi feita a pesquisa?

3-Qual sua reação quando lê palavras escritas em Inglês em (lugares, placas, nomes de filmes e séries e outros). Tenta fazer alguma associação ao vocabulário já aprendido ou ignora?

4-Você percebe que há palavras usadas em nosso cotidiano que não pertencem a nossa língua?

5-Por que você acha que as pessoas colocam em seus estabelecimentos (salão, bar, lojas) palavras escritas em Inglês?

6-É importante em alguns lugares (aeroporto, metrô, shopping) ter essa tradução para o Inglês? Justifique

7-Por que você acha que é usado o Inglês e não outras línguas?

### ANEXO III

1- Após você ter feito uma pesquisa sobre a presença da Língua Inglesa em nosso cotidiano, você acha que é importante ter conhecimento da Língua Inglesa?

Sim                       Não

2- Você tinha conhecimento que há muito material na Internet que possibilita o aprendizado do Inglês? Ex: (aplicativos, dicionários, professores que ensinam expressões e dão dicas, atividades, etc.).

Sim                       Não

3- Você acha que o uso desses materiais acima citados, possibilitam seu aprendizado da língua e podem contribuir para que você aprenda de uma forma um pouco mais independente?

Sim                       Não

4- Você acha que a aula ficou mais interessante e divertida com a pesquisa sobre a presença do inglês em nosso dia a dia?

Sim                       Não

#### **Sobre o vídeo:**

5- Depois que você assistiu aos vídeos você acredita que o Inglês possa ser útil para sua vida profissional, assim como foi para **a Lilian, a Natascha e a Eleonora**?

Sim                       Não

6- A Eleonora aprendeu Inglês de uma forma divertida, ouvindo músicas, você se interessou em melhorar seu Inglês, por meio de uma dessas formas? (assistindo séries e vídeos nas plataformas, acessando sites, aplicativos ou pesquisando vocabulários encontrados em seu dia a dia.)

Sim                       Não

7- As experiências de **Eleonora, Natascha e Lilian** motivam você a se dedicar mais, ao estudo da Língua Inglesa?

Sim                       Não